

# QUAL O CAMINHO DAS ÍNDIAS?<sup>1</sup>

## Índia: História, Cultura e Religião Milenares

*Profa. Ms. Alessandra Gasparotto<sup>2</sup>*

*Prof. Ms. Alexandre Blankl Batista<sup>3</sup>*

A história e a cultura indianas são pouco conhecidas entre os ocidentais. Não apenas os elementos histórico-culturais, como também tudo o que diz respeito ao “orientalismo”, nas palavras do intelectual palestino Edward Said, são frequentemente vistos como alegorias exóticas frente aos costumes ocidentais. Algumas dessas alegorias, personagens ou apropriações da cultura do oriente nos chegam de maneira um tanto distorcida da original. De forma mal amanhada, ouvimos falar das personalidades indianas, bastante difundidas no ocidente, as quais se podem citar Sidarta Gautama (o Buda), Mahatma Gandhi (guru da não-violência e da resistência contra a ocupação britânica), Ravi Shankar (músico que influenciou os Beatles no final dos anos 60), Indira Gandhi (Primeira-ministra da Índia de 1966 a 1977 e de 1980 a 1984), entre outros, que necessitam ter as suas atuações contextualizadas na história da Índia para uma melhor compreensão de suas trajetórias individuais. Similarmente a esse descuido ocidental com a história e cultura orientais, chama a atenção, recentemente, a maneira como a novela das oito, da Rede Globo de televisão, tem abordado os costumes indianos.

A forma como a novela tem tratado a religião e a cultura manifestos nos personagens de *Caminho das Índias* destaca muito a alegoria e o suposto exotismo dos costumes indianos. Há o uso e o abuso da cultura do “diferente”, sendo enfatizada a incompatibilidade dos costumes orientais com os ocidentais. Visto desta forma, é difícil inverter os papéis, ou seja; a partir do oriente, e de sua lógica e complexidades próprias, vislumbrar o ocidente como a cultura distinta e exótica. Somado a isso, procura-se sublinhar o estilo das roupas, manifesto no “dicionário da moda atual”, ou a organização em castas como um empecilho esdrúxulo e extravagante, o que contribui para aumentar aquela visão do oriente, vista a partir do ocidente, que descontextualiza os costumes e

---

1 Mural produzido em maio/2009. Coordenação: Alessandra Gasparotto e Alexandre Blankl Batista. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Juliana Valentini, Karen Loraine Kraulich, Karen Renata Capelesso, Marcos da Silva de Oliveira.

2 Docente do curso de História da UNIOESTE.

3 Docente do curso de História da UNIOESTE

práticas próprios de uma cultura, resultado de milênios de história, confluências e sincretismos.

O objetivo deste mural do OMC é, na medida do possível, dar vazão a esses elementos que, muitas vezes, escapam desse “olhar do ocidente”. Utilizamos como gancho para problematizar a história, a cultura e a religião indianas, exatamente a forma sumária como as mesmas são retratadas pela “cultura ocidental” e, mais especificamente, pela atual novela das oito da Rede Globo - *Caminho das Índias*. Neste texto, procuramos apanhar alguns momentos da História da Índia, em que tentamos contextualizar certos personagens conhecidos entre os ocidentais e evidenciar o papel da religião, enfatizando a necessidade de entendermos a dinâmica religiosa, cultural e histórico-política juntas. Nos demais textos do mural, sublinham-se aspectos da religião hindu, cultura indiana, as temáticas das telenovelas brasileiras e a posição estratégica dos Estados Unidos frente às nações populosas e com grande potencial de mão-de-obra, como é o caso da Índia.

### **Dos tempos remotos à Índia contemporânea**

O passado remoto da Índia remonta aos séculos IV e III a.C., em que há vestígios de uma civilização que começa a tomar forma no vale do Indo. Esta tem seu ápice de desenvolvimento entre os anos 3000 e 2000 a.C. Tal civilização, chamada de dravidiana, dirigida essencialmente por sacerdotes, mostra indícios arqueológicos de que teria sido a precursora do hinduísmo. De seus vestígios materiais encontram-se as primeiras figuras esculpidas em barro de representações de deuses como Kali (divindade vinculada às noções de morte e de tempo) e Shiva (aquele que se incumba da dança para movimentar o mundo). Essa civilização do Indo entrou em declínio entre 1500 e 800 a.C., época em que o local do vale e arredores foi invadido pelos arianos (arios), povo oriundo, provavelmente, da região central da Ásia.

Com a invasão dos arianos tem-se início a denominada civilização védica (2500-500 a.C.). A partir deste momento é que se originam os Vedas (poemas e hinos que regem e explicam o hinduísmo). O princípio fundamental do hinduísmo e de toda a cultura da Índia está fundamentado nos Vedas, compostos em sânscrito, atribuídos a Krishna, encarnação do deus Vishnu. Vale salientar que os deuses mais importantes da religião são exatamente Vishnu, além de Brahma e do já mencionado Shiva.

A importância de entendermos a relevância dos Vedas para a cultura contemporânea da Índia está no fato de que eles descrevem como devem ser os rituais religiosos e as normas sociais, atribuindo a supremacia de uma casta superior: a dos sacerdotes, chamados de brâmanes. O sistema de castas exerce forte influência na divisão social do país, embora não seja consenso político dentro

da Índia. A norma que privilegia os brâmanes não permite ascensão social, vale para sempre e está definida pelo nascimento. Assim, o indiano descendente de uma casta inferior deve conformar-se e viver sua vida em penitência, pois sua condição foi determinada já antes do nascimento, dizem os Vedas, por não ter tido uma vida espiritual satisfatória em sua última passagem terrena.

Um momento importante, e de certa forma de ruptura, na história e na cultura religiosa indiana, se dá por volta do século VI a.C. com a criação das seitas budista e jainista. Ambas contestavam normas dos Vedas, como a supremacia dos brâmanes, embora partilhassem seus princípios filosóficos com o hinduísmo, aceitando essa religião como a originária de suas seitas. O budismo, criado pelo príncipe indiano Sidarta Gautama, nascido no sul do atual Nepal, fora mais difundido e, curiosamente, teve mais relevância fora da Índia do que propriamente no berço do território em que foi criado. Todavia, é mais uma dentre as muitas religiões por lá praticadas, com a observância de que o hinduísmo ainda é a religião dominante.

O budismo e o jainismo foram importantes questionadores da sociedade de castas naquela época e no decorrer dos séculos seguintes, fato relevante que, de certa forma, abalou as estruturas fundamentadas da supremacia dos brâmanes. Muito mais tarde, entre os séculos VIII e XII, outra religião, fruto de novas invasões, foi relevante para novos questionamentos à organização das castas indianas: o islamismo. Os muçulmanos não apenas penetraram no território, conquistando várias cidades, como conseguiram converter inúmeros indianos ao Islã. Além dos muçulmanos, outras duas invasões importantes em território indiano foram a dos Mongóis, entre os séculos XVI e XIX, os quais absorveram muito da cultura local, e a dos ingleses, em época de imperialismo pré-Primeira Guerra Mundial, os quais só saíram de lá há cerca de cinquenta anos atrás.

## **Do Imperialismo à Independência**

A influência inglesa sobre a Índia, na verdade, tem início já no século XVII, através de tratados comerciais com a região. Esses acordos, aos poucos, foram condicionando a Índia a perder sua autonomia política. Em meados do século XIX, os britânicos controlavam grande parte do território indiano e submetiam a população às regras de aduana e ao confisco de recursos naturais, antes pertencentes ao povo, e agora intermediados pelo comércio inglês. O sal, por exemplo, foi um dos recursos naturais proibido de ser produzido pelos hindus. Os mesmos eram obrigados a comprar o produto dos britânicos. Sob pena de descumprirem as “Leis do Sal”, os indianos estavam sujeitos a brutais punições de violência física, repressão armada e prisão.

Neste contexto, em meio às reivindicações pela independência da Índia e resistência à

ocupação britânica, destaca-se o líder Mahatma Gandhi, o qual consegue reunir multidões com um princípio filosófico muito simples: a não-violência. Sem usar de violência na resistência à ocupação britânica, Gandhi consegue, em um ato simbólico contra as “Leis do Sal”, conduzir pacificamente uma multidão que caminhou 400 quilômetros até o litoral, no dia 6 de abril de 1930. Ao chegar, todos levantaram o punho erguendo junto punhados de sal, inspirando, através deste gesto, o povo indiano na direção de reivindicar seus direitos junto aos britânicos e legitimar seu apelo pela emancipação política da Índia.

Gandhi conseguiu com que grande parte dos indianos, embora não se revoltassem com brutalidade, desobedecessem simplesmente às ordens britânicas. Esse princípio de desobediência pacífica feriu severamente os interesses dos ingleses, os quais precisavam não apenas das riquezas naturais e do comércio, mas também da mão-de-obra da população indiana.

O envolvimento da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial servira muitas vezes de pretexto para que a independência da Índia não seguisse seu rumo. O cenário pós-guerra, de rechaçamento aos regimes autoritários e opressores, do qual a Inglaterra, pelo menos no discurso, condenava, criou uma postura dúbia: por um lado, no plano das idéias e do discurso, se defendia a liberdade e autonomia indianas; por outro, na prática, se mantinham monopólios comerciais e a interferência política direta no país.

Diante desse quadro, a independência foi consolidada apenas em 1947, efetivando-se a primeira Constituição do país em 1950. O Estado e a Constituição que nasceram, no entanto, não vieram sem conflitos e contradições. Como resultado da emancipação do Império Britânico, a Índia sentiu na pele as dissidências resultantes das disputas religiosas e políticas. O saldo negativo foi a guerra civil, com inúmeras mortes e violência urbana, seguida da separação do Paquistão, o qual se tornou Estado independente e abrigou a maior parte dos muçulmanos da região. Além disso, no texto constitucional da Índia, tentou-se acabar com o regime de Castas, o qual, na prática, muito arraigado à cultura hindu, continua sendo seguido por boa parte da população, embora haja sua condenação por parte do Estado. Vê-se, assim, que os traços e elementos culturais, vigentes por milênios, não seriam e não serão tão facilmente substituídos ou abandonados, exatamente por sua condição hegemônica no comportamento e nos costumes que estão vinculados diretamente com a rotina, cultura e religião do povo.

A percepção de que as características culturais do hinduísmo são indispensáveis para criar-se uma visão de mundo e uma alternativa política compatíveis com o país resultou em sincretismos insólitos, inclusive com o marxismo. O líder socialista Jawaharlal Nehru, pessoa bastante próxima de Gandhi, assumira o governo da Índia independente, como primeiro-ministro. Apesar da proximidade entre Nehru e Gandhi, o primeiro se orientava por um socialismo pragmático,

enquanto o segundo aliava métodos inovadores de resistência somados às atitudes tradicionalistas oriundas da cultura hindu. Nehru, posteriormente, foi sucedido por sua filha Indira Gandhi (sem parentesco com Mahatma Gandhi), seguida pelo filho mais novo de Indira, Rajiv Gandhi. Os dois últimos e Mahatma Gandhi foram assassinados por diferentes extremistas que lutavam por posições mais radicais nos conflitos políticos e religiosos. Representativa destas violências extremistas, a região da Caxemira tem sido o palco de conflitos violentos entre Índia e Paquistão. Desde a independência já houve três guerras declaradas entre os países.

Além disso, internamente, a Índia sofre com divisões dentro da sociedade civil, em que se registram conflitos violentos entre diferentes facções políticas e religiosas, inclusive envolvendo não raramente grupos islâmicos radicais. Dentro do hinduísmo também não há um consenso pacificador. As diferentes correntes defendem desde a religião ortodoxa, baseada nos ensinamentos dos Vedas, com as castas rigidamente respeitadas, até a idéia de que o hinduísmo não seria uma religião, mas um estilo de vida, ou mesmo aqueles que defendem um “hinduísmo secular”, alijado da religião, atuante no âmbito político (como é o caso do sincretismo com o marxismo).

Na primeira metade do século XX houve várias iniciativas de restauração do hinduísmo, pautadas na tentativa de conciliação com outras religiões, como o islamismo e o cristianismo. Na época da resistência contra o domínio britânico e nas lutas pela independência, essas iniciativas não eram bem vistas por alguns que desejavam o levante armado contra os ingleses. O hinduísmo “politizado” ou “secular”, como ficou conhecido, procurou desvincular o hinduísmo do caráter religioso e reelaborá-lo sobre bases éticas e nacionalistas. Vinayak Damodar Savarkar (1883-1966), líder revolucionário que se assumia ateu, foi o expoente desta corrente de pensamento. Foram dois de seus discípulos mais próximos que assassinaram Mahatma Gandhi.

Esse “hinduísmo secular” fora bastante impactante na Índia, especialmente na vida pública, na época da resistência contra o domínio britânico e imediatamente após a independência. Porém, assiste-se nos últimos cinquenta anos, dentro e fora da Índia, a um interesse cada vez maior pelo caráter espiritual do “hinduísmo religioso”, mais próximo do misticismo e de sua cultura ancestral, desenvolvida nos primeiros milênios de sua história.

Em termos econômicos, desde o final dos anos 80, a Índia figura entre as consideradas “nações emergentes”. Destaca-se sua produção de hardware e software, campo comercial que mais tem crescido desde a década de 70. Impressiona também a sua indústria cinematográfica: na Índia são produzidos cerca de 800 filmes por ano, fatia do mercado que tem interessado os produtores do cinema mundial, especialmente o milionário cinema hollywoodiano. Curiosamente, os filmes indianos são bastante populares no Paquistão, apesar de proibidos, o que não impede de serem captados na TV a Cabo. A Índia hoje é conhecida também como uma potência nuclear. O programa

nuclear é creditado à iniciativa de Indira Gandhi, ainda na década de 70. Na década de 90 foram feitos novos testes, o que despertou a atenção internacional, com expectativas temerosas de que fossem utilizados arsenais nucleares contra o vizinho Paquistão, o qual desenvolvia também um programa nuclear, teoricamente justificado para fins pacíficos.

Entre figuras caricatas, história pouco conhecida e cultura distante do entendimento ocidental, a Índia permanece ainda uma espécie de alegoria, apropriada pela cultura de massas, seja através do cinema ou da televisão. Todavia, ainda que desconhecida, a história da Índia não fica à margem de processos bastante conhecidos entre nós e muito difundidos na história ocidental, especialmente na chamada História Contemporânea. É o caso do Imperialismo (domínio do Império Britânico sobre a Índia, desde meados do século XIX até meados do século XX) e da Guerra Fria (não-alinhamento, mas acordo de amizade com a União Soviética; ao passo que o Paquistão recebia apoio norte-americano). Recentemente, em tempos de neoliberalismo e globalização, é época de maior penetração da cultura ocidental na Índia, embora haja resistências das mais diversas formas. Um sintoma bastante evidente é a tendência homogeneizadora das apropriações que de suas peculiaridades histórico-culturais são feitas. Essa tendência é o foco que procuraremos atentar neste mural do OMC.

## O Hinduísmo

*Karen Loraine Kraulich<sup>4</sup>*

*Karen Renata Capelesso<sup>5</sup>*

A religião e a cultura que vêm sendo apresentadas na Rede Globo, por intermédio da novela *Caminho das Índias*, estão representadas quase que exclusivamente através do hinduísmo; trata-se de ritos e tradições milenares que permanecem fortes na sociedade indiana até os dias de hoje.

O que a novela nos mostra é como a religião hindu é seguida pelos indianos, supostamente sem contestações, com uma devoção quase que absoluta. Fala das cores, dos ensinamentos e do culto aos deuses, das danças, dos livros sagrados. Mostra a riqueza das famílias e como as suas crenças estão presentes de modo muito forte em seu dia-a-dia: não são permitidos de forma alguma casamentos entre hindus e pessoas de outras religiões, as orações, rituais são cultuados exatamente como mandam as escrituras sagradas, os Vedas. Vemos a mente dos indianos voltada exclusivamente para sua fé, sua religião como modo de vida. Eles recusam-se até a saírem de suas casas sem se purificarem se encontram alguém ou algo que, segundo as escrituras, não é “auspicioso”, ou seja, não lhes trará sorte em alguma coisa, como família, negócios ou no dia que terão dali pra frente.

Um ponto importante tratado na novela é a questão das castas, um sistema que surgiu na Índia há cerca de 2600 anos. Segundo as escrituras sagradas, havia o deus Brahma que teve quatro filhos: os brâmanes, saídos dos seus lábios, que são os sacerdotes, os privilegiados. Dos braços de Brahma surgiram os xátrias, os guerreiros. Os vácias saíram de suas pernas, são os comerciantes, lavradores e artesãos e, por fim, os sudras, originados dos seus pés, que são os servos e escravos. Os párias, ou *dalits* não pertencem a nenhuma destas, são considerados impuros por terem violado o código de suas castas. Por essa razão, teriam sido expulsos e levaram consigo todos os seus descendentes passados e futuros e, assim, ninguém pode tocar neles. Para os intocáveis, são destinados os trabalhos mais desprezíveis, como recolher lixo e enterrar cadáveres. Discriminados, ficam postos de lado pela sociedade.

O que a Rede Globo traz então dessa cultura e religião? Cria uma história em que um sacerdote, um brâmane adota um *dalit* ainda criança, o que já iria contra todas as tradições do hinduísmo, e quando este se torna adulto relaciona-se com uma mulher de casta, o que torna a história dos dois uma espécie de *A Dama e o Vagabundo* ou *A Bela e a Fera*, em que, por motivo de

---

4 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE

5 Discente do 4º ano do curso de História da UNIOESTE

sua origem, o intocável é visto como inferior à mulher e não pode viver o amor que tanto deseja. Embora tenha como objeto a cultura oriental, serve-se de histórias e enredos muito próximos das narrativas romanciadas das histórias ocidentais.

O que *Caminho das Índias* não nos mostra é que na Índia o hinduísmo embora seja predominante, 80% da população, não é a única religião existente no país. Existem outras culturas, outras crenças, como o islamismo e o cristianismo, por exemplo. E, hoje, o governo indiano conta com uma constituição promulgada em 1949 que assegura aos cidadãos justiça, liberdade, igualdade e fraternidade. Não é permitido discriminar um cidadão na Índia pela sua casta, sua religião, seus antepassados, gênero ou lugar em que nasceu. A prática de considerar pessoas intocáveis é vetada perante a lei, bem como o uso de locais públicos, pertencentes ao Estado, são permitidos a todos. É proibido, ainda, o trabalho forçado e o trabalho de crianças abaixo de 14 anos, principalmente em lugares nocivos como minas e fábricas. As mulheres conquistaram um espaço que não lhes era permitido no passado, de modo que no ano passado, Pratibha Patil tornou-se a primeira mulher presidente do país. Antes dela, Indira Gandhi já havia sido Primeira-Ministra do país, inclusive exercendo o poder com “mãos-de-ferro”, na ditadura que o país vivenciou entre as décadas de 70 e 80.

O hinduísmo é uma religião milenar, politeísta, cultua cerca de 240 mil deuses, sua cultura muito rica ultrapassou as barreiras do tempo e segue viva até hoje. Não cabe a nós pensar nos hindus como os diferentes, ou julgar suas crenças, afinal fé não é de forma alguma algo concreto e, neste ponto, não sabemos o que é certo e errado. É importante termos conhecimento das diferentes religiões que nos cercam, porém é preciso ir além daquilo que nos é posto como verdade única. Ao vermos as situações tratadas na novela *Caminho das Índias* precisamos pensar nas coisas que vão além daquilo que nos é mostrado no horário nobre. É preciso saber mais sobre tudo o que nos é apresentado pela grande mídia, especialmente para que não nos tornemos apenas telespectadores e sim questionadores das informações que recebemos através da televisão. Todas as informações devem ser postas à prova e à crítica, não apenas as da novela como as dos principais veículos de informação e notícia, como telejornais, jornais e revistas, além dos programas televisivos diários de todos os canais.



## Caminhos e Descaminhos das Índias

*Alexandre Arienti Ramos*<sup>6</sup>

*Guilherme Dotti Grando*<sup>7</sup>

*Marcos da Silva de Oliveira*<sup>8</sup>

China e Índia, além de serem civilizações milenares, têm em comum uma gigantesca população. Juntas somam hoje mais de um terço da população mundial tendo respectivamente 1,3 e 1,1 bilhões de habitantes. Mantidas as atuais taxas de crescimento até 2035 somarão mais de 3 bilhões de pessoas (FIORI, 2007). Populações tão grandes geram um excedente de mão-de-obra que, aliado a legislações permissivas, promove uma exploração desmedida aos trabalhadores. Esta mão-de-obra barata, associada à necessidade desses países de investimentos massivos em infraestrutura, constitui um campo fértil para as multinacionais e investidores estrangeiros. É tal cenário que tornou possível as elevadas taxas de crescimento de aproximadamente 9% na China e 8% na Índia (Idem), mas às custas de uma crescente exploração dos trabalhadores, muitos dos quais em regime de semi-escravidão, inclusive da mão-de-obra infantil.

Este crescimento necessita de amplos recursos energéticos, como o petróleo, e de matérias-primas. O acesso às regiões produtoras, principalmente na África e Oriente Médio, tem sido causa de disputas entre China e Índia, além de ameaçar interesses estratégicos dos Estados Unidos (Ibidem).

A potência norte-americana enfrenta hoje pressões internas contrárias aos altos gastos com a defesa. Em seu curto período no poder, até o momento, o presidente Obama já tem enfrentado essas pressões internas, as quais dificultam seu planejamento militar (O ESTADÃO, 2009). Os recursos, financeiros e políticos, dispensados com os conflitos do Iraque e do Afeganistão, assim como o declínio do prestígio Norte-Americano, herança do governo Bush, dificultam a projeção de liderança dos EUA (CASANOVA, 2005). Em resposta a este cenário o presidente Obama tem buscado respaldo nas lideranças regionais alinhadas com sua política. Países como Brasil, África do Sul e Índia são, nesta conjuntura, aliados estratégicos em regiões de potenciais conflitos. Tal discurso é bem presente já no final do governo Bush no texto *National Defense Strategy* de junho de 2008.

Como resposta às políticas agressivas da China, os EUA apóiam uma Índia forte o bastante

---

6 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE

7 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE

8 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE

para frear o dragão Chinês e fraca o bastante para possibilitar o acesso dos Estados Unidos à regiões estratégicas como, Oceano Índico, sudeste asiático, e leste do Oriente médio. Além, é claro, do livre e “desregrado” investimento estrangeiro na própria Índia, centro de mão-de-obra barata e potencial mercado consumidor para os próximos anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Aventuras na História*, edição 66, Editora Abril, janeiro de 2009.

CASANOVA, Pablo González; *Impérios e Imperialismos, O Imperialismo, Hoje*; Tempo “Revista do Departamento de História da UFF” N° 18 Vol. 9 - Jan. 2005

FIORI, José Luís; *A Nova Geopolítica das Nações e o Lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul*. In: Oikos - Revista de Economia Heterodoxa, Vol. 1, No 8 (2007)

Gandhi (o filme), Direção de Richard Attenborough, Columbia Pictures, 1982.

GATES, Robert; 2008. *2008 National Defense Strategy*; Departamento de Defesa do Governo dos Estados Unidos da América. (download em <http://www.defenselink.mil/pubs/2008NationalDefenseStrategy.pdf>) Acessado em 10/12/2008

Governo do EUA quer ampliar orçamento para defesa, Plano apresentado por secretário da Defesa prevê reforma em gastos militares. [www.estadao.com.br/noticias/internacional.governo-dos-eua-quer-ampliar-orcamento-para-defesa.350972.0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/internacional.governo-dos-eua-quer-ampliar-orcamento-para-defesa.350972.0.htm). acessado em 17/04/09.

*História Viva*, Grandes Religiões – Hinduísmo, nº 5, Duetto Editorial, s.d.

<http://jus2uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10831>

Luiz Fernando Araújo, *A telenovela e o processo pedagógico* [PDF]2003

*O Presente*, 25/03/2009, ano 17, n. 2559.

Paloma Nogueira “Artigo Cultura de massa e a telenovela brasileira”2005

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Silvia Helena Simões Borelli Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em ciências Sociais Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) *Telenovela - História e Produção Editora Brasiliense*, SP 1989.